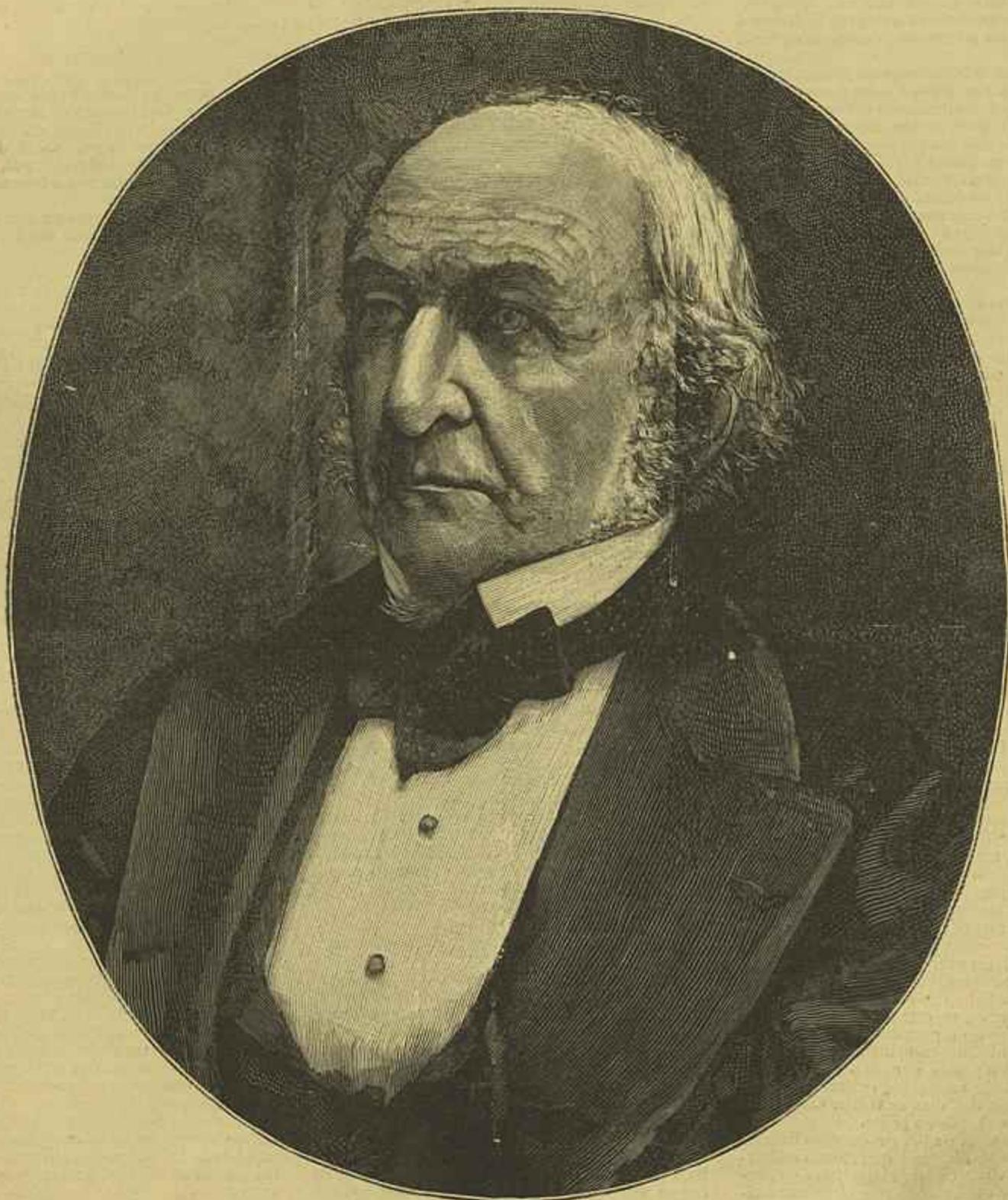


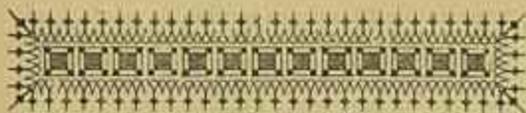
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	21.º Anno — XXI Volume — N.º 699	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	3900	3120	30 DE MAIO DE 1898	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem),...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



GLADSTONE — FALLECIDO EM 19 DE MAIO DE 1898



CHRONICA OCCIDENTAL

Arrearam-se as ultimas bandeiras, que tremularam com nomes gloriosos sobre as ruas de Lisboa. O ultimo comboio de bilhetes a preços reduzidos silvou na estação. Lisboa assumiu o aspecto costumado.

O jury da exposição de imprensa, aberta ao publico nas salas do Atheneu Commercial de Lisboa, presidido por Magalhães Lima, acaba de conceder o grande diploma de honra ao Occidente. Um abraço a Caetano Alberto.

Em muitos theatros deram-se as ultimas recitas de temporada. Dentro em pouco, todos fecharão as portas.

Annuncia-se no theatro da Trindade o espectáculo em homenagem a uma das mais gloriosas artistas do theatro portuguez, a actriz Virginia.

Ha muitos annos que o publico não tem ensejo para, em espectáculo d'esses, lhe manifestar quanto ella lhe merece pela sua longa vida dedicada á arte, em que tão alto conseguiu collocar o nome. Virginia é uma das glorias do nosso theatro. Enorme é seu repertorio e quantos d'esses papeis marcaram para ella noites de enthusiasmo inolvidavel, desde o principio da sua carreira, quando discipula de Santos no theatro do Principe Real, no theatro de D. Maria, onde tantos annos representou, grande artista ao pé dos maiores; até áquella deliciosa e trágica *Musotte*, que ninguém melhor do que ella poderia desempenhar!

Brevemente vae deixar-nos a empresa que funcionou em D. Maria.

Nada se sabe ainda das surpresas que nos reserva o futuro concurso para adjudicação d'aquelle theatro, o que bem prova o amor que merece ao governo a arte em Portugal. Fala-se muito; nada se faz. E entretanto dezenas de familias vivem na incerteza do pão que hão de comer amanhã.

A época no theatro normal fechou brilhantemente, e, sem duvida, o grande exito em todas as casas de espectaculos de Lisboa, n'esta época do centenario, foi obtido pela representação do *Auto Pastoril Portuguez*, do grande mestre, Gil Vicente.

A companhia parte brevemente para Coimbra e Porto.

Diz-se que o ponto nas aulas de direito da Universidade será dado no dia 8 de junho; ainda os nossos actores encontrarão portanto na cidade todos os estudantes, que, por certo, os hão de receber com enthusiasmo.

Darão tres recitas em Coimbra, partindo em seguida para o Porto, onde as representações da companhia de D. Maria são sempre concorridissimas.

Ha innegavelmente n'aquella cidade uma dedicação amorosa pela arte, que sentimos não ver egualada em Lisboa.

Vai brevemente deixar nos tambem o grande Novelli. Duas ou tres festas que se lhe hão de fazer no theatro D. Amelia servirão apenas para augmentar saudades. Tão completa nunca nos visitou outra companhia estrangeira; nunca assim conjuncto pudemos admirar.

E, com os theatros fechados, o verão fará sua entrada na capital.

Dias enormes, tardes eternas na cidade dorminhoca. Quebrando o silencio, apenas as revoadas dos andorinhões, muito altos no céu, a chilreada dos pardaes nas acacias da Avenida, uns sons metallicos de cornetinas nas barracas da feira franca, o apito d'uma locomotiva, o grito d'um vendilhão.

Diz-se que a Companhia Real dos Caminhos de ferro vae augmentar até cento e trinta o numero dos comboios na linha de Cascaes.

Cintra e praias, eis no que pensam a esta hora os felizes. O dever ou a pobreza não os amarram e, á primeira subida do mercurio no thermometro, eil-os arrumando á pressa as malas.

Depois da grande animação, entramos no pachorrento deslisar dos dias enormes. Campeiam a semsaboria e o chapéo de palha.

Do centenario algumas boas memorias ficaram e, comquanto muitas circumstancias fossem adversas á condigna celebração do maior feito de portuguezes, força é confessar-se que eloquentes afirmações de nacionalidade se realisaram.

Velharias portuguezas volvem a interessar-nos. O que é nosso parece nos agora maior.

O discurso de Lord Chamberlain, a politica se-

guida pelas grandes potencias e muito principalmente pela Inglaterra, a guerra em que, por ora sem solução prevista, a Hespanha se acha envolvida com os Estados Unidos, a grande lucta em que a Europa a Asia e a America, talvez em breve, se achem empenhadas, o nosso futuro envolto em brumas densas, tudo nos faz amar com maior intensidade o nosso passado cheio de gloria e de poesia, cuidar mais amorosamente no futuro, melhor dispostos ao sacrificio.

Uma pequenina nota, um pequenino symptoma d'este acordar do amor ás coisas nossas, que talvez alguns queiram discutir, que uma illusão nossa talvez fosse, vimol-os na attenção com que foi ouvida, no enthusiasmo dos applausos com que foi recebida, a pequenina perola, obra de Gil Vicente, o *Auto Pastoril*.

As obras primas precisam das almas afinadas para que sejam percebidas.

A commemoração do quarto centenario do descobrimento do caminho da India teve este grande merecimento: fez reviver lembranças de glorias, trouxe á discussão problemas historicos, obrigou novamente a vibrar fibras que pareciam inertes.

Lopes de Mendonça, na bella conferencia que fez a convite da direcção da *Academia dos Estudos Livres*, resumiu em linhas eloquentes toda a historia dos descobrimentos dos portuguezes no Atlantico e mar das Indias, mostrando quanta gloria em toda essa epopeia coube ao nome obscurecido de Bartholomeu Dias.

Muitas obras de portuguezes foram n'este momento gravissimas da nossa historia publicados, provando bem a toda a Europa que o soffrer d'uma doença aguda não é estar moribundo, que o discurso do celebre politico inglez não deve, por forma alguma, referir-se a Portugal.

E não foram só livros de portuguezes os que n'este ultimo mez appareceram nos mostradores das livrarias. Em portuguez escripto, obra prima da nossa litteratura, um livro d'um celebre poeta brasileiro acaba de ser publicado em Lisboa. Os versos de Raymundo Corrêa, o amor que elle nos mostra existir ainda no Brazil ás nossas coisas, á nossa bella lingua, ás tradições portuguezas, provam-nos, parece nos que muito exuberantemente, a vitalidade da nossa terra.

Os poetas brasileiros são gloria nossa e por isso a arte portugueza está de luto, que morreu um dos maiores.

Finou-se um grande artista, um dos mais ternos cultores da formosa lingua em que, nas terras longes em que nascera, havia balbuciado as primeiras palavras carinhosas.

Luiz Guimarães, antigo diplomata agora aposentado, veio, ha bastantes annos, pela primeira vez, a Lisboa, para onde fora nomeado secretario de legação e onde contava muito numerosos amigos, que o estimavam pelas excellentes virtudes de seu coração e dotes excepcionaes de seu espirito.

Um golpe inesperado, a morte da esposa, feriu-lhe cruelmente a alma, inspirando-lhe a mais formosa das poesias de seus livros.

Mais tinha, porém, que soffrer. Uma doença barbara inutilisara-o, ha muito, roubando-lhe a esperança de vêr, soçegadamente, ás portas da velhice, desabrochar a formosura das filhas, o formoso talento do filho querido.

Recebeu este, com um nome illustre, uma bella herança, que bastos deveres lhe impõe.

A elle um enternecido abraço. Ao poeta morto uma sentida saudade.

Quando um pensamento doloroso de morte proxima nos vem annuiar o espirito, consola-nos a lembrança da mocidade d'esse enorme paiz, cujo nome se alastra pela maior parte do mappa da America do Sul. Ali viverá a nossa lingua, com dedicação cultivada, eternamente.

Mas agoiros de morte porquê?
A mocidade em Portugal é cheia de esperança, cheia de energia para a lucta.

Acabamos de receber de Coimbra dois livros de escriptores muito distinctos. Em ambos se revela intenso o amor ás nossas coisas portuguezas.

Manuel da Silva Gaió enviou-nos o seu drama *Na volta da India*. Alberto Pinheiro o seu romance, *Uma tragedia na provincia*.

Silva Gaió tem um nome conhecido na litteratura portugueza, tem sabido honrar o illustre nome herdado.

O seu drama, em que revivem figuras dos velhos tempos de gloria, é escripto na primorosa lingua em cujo oiro só pôde trabalhar o cinzel de verdadeiros artistas. Contém primores. Vê-se, que a par dos melhores, que desbastaram o material riquissimo, Silva Gaió leu assiduamente o grande poeta que melhor soube nos tempos mo-

dernos facetar a joia. Em muitas linhas do drama *Na volta da India* percebe-se a lição do grande mestre que escreveu o *Frei Luiz de Sousa*.

Alberto Pinheiro, cujo livro *Alva* tornou em poucos dias conhecido e celebrado o seu nome, confessa no prologo do novo romance que lhe foram guias Fernão Lopes, Bernardes, Vieira e Frei Luiz de Sousa.

A sua paixão por quanto é nosso revela-se no enthusiasmo com que escreve aquellas *Palavras d'um portuguez*.

Pena me faz ter que agradecer-lhe a inclusão elogiosa do meu nome entre todos os que hoje em Portugal trabalham por fazer vibrar a alma portugueza. Não lh'o quero pagar com um elogio ao seu livro; quero apenas apertar-lhe a mão e dizer-lhe com alvoroço: — Caminhemos juntos, que a estrada é boa.

João da Camara



AS NOSSAS GRAVURAS

GLADSTONE

Emquanto a Europa se vai armando na expectativa angustiosa de uma guerra talvez geral, em todos os bairros de Londres, manifestações luctuosas de profundo pesar se fizeram pela morte do velho chefe do partido liberal.

A vida de Gladstone abrangeu quasi inteiro o seculo de que foi um dos maiores homens, pelo seu brilhantissimo talento e nunca desmentida honestidade em tão longa vida publica.

Gladstone pensou constantemente nos fracos e era enorme o partido que obtivera na Irlanda. A prospera Inglaterra muito deve ao fervoroso defensor da liberdade de commercio, incançavel propugnador do livre cambio.

Morreu com uma oração nos labios. Era um homem cheio de fé.

Nascido em Liverpool a 29 de dezembro de 1809, concluiu brilhantemente o curso na universidade de Oxford, e, apresentado aos eleitores de Nework pelo Duque de New Castle, entrou nos negocios publicos em 1832.

Trabalhou dedicadamente e tal era, ha já mais de meio seculo, o prestigio do seu nome, que em 1867 foi eleito pela universidade em que se formara, que é a candidatura ambicionada por todos os politicos de Inglaterra. Geria então a pasta das colonias.

Viajou pela Europa e em Napoies escreveu as cartas sobre as perseguições do governo napolitano, que tão famosas se tornaram.

De regresso á patria fez parte do ministerio que assumiu a responsabilidade da gloriosa campanha da Criméa.

Desde então, ora fazendo parte dos ministerios, ora na opposição, todos os seus projectos de lei foram discutidos na Europa inteira. A Irlanda chamou-lhe sempre a attenção e mereceu-lhe especial affecto.

Diziam d'elle os compatriotas: — «Em questões de negocio é a decima musa.»

Chamado a formar gabinete em fins de 1868, conservou o governo até 1874. Então, sahindo do ministerio, recusou-se a continuar na direcção do partido liberal. Depois de mais de quarenta annos de vida publica, julgava-se com direito ao descanço.

Mas havia de trabalhar toda a vida, havia bem de merecer que lhe chamassem *the great old man*, o grande velho!

Ora na opposição, ora no governo, o nome de Gladstone havia de tornar-se cada vez mais celebre no mundo.

Em 28 de abril de 1880, volta Gladstone outra vez ao poder que conserva até 1885. Pouco mais d'um anno descança e volta novamente ao poder que conserva apenas por seis mezes. A proposta de lei conferindo um parlamento á Irlanda é causa da queda do gabinete.

Em 1892, o grande velho é novamente chamado. Pouco tempo havia que receberamos o memoravel insulto de onze de janeiro. A queda do ministerio presidido por lord Salisbury foi então muito commentada entre nós. Gladstone tinha maiores sympathias entre os portuguezes.

A sua falta em Inglaterra deve n'este momento fazer-se dolorosamente sentir; mas a perda foi grande para a Europa inteira.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO
DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA

As festas do Centenario em Lisboa

Na estampa da pagina 124 reunia o nosso desenhador, em artistico conjuncto, diversos trechos do aspecto que offereciam as principaes ruas de Lisboa, por occasião das festas do centenario, e muito especialmente nas noites das illuminações, que foram deslumbrantes.

No angulo direito superior vê-se a rua dos Capellistas, onde havia alem de um lindo doce, preso de janella para janella, na embocadura de cada rua, bellos *panneaux*, em forma de gavias com pinturas allegoricas e versos dos *Luziadas*.

Segue-se a praça de Camões, onde se eleva a estatua do grande epico, e a illuminação em volta do monumento, sendo esta illuminação feita com renques de copos de diversas côres.

No angulo superior direito representa-se a rua de S. Paulo, onde por cima do arco pombalino, se achava collocada a proa de um galeão, tendo nos mastros duas velas, com a Cruz de Christo.

No centro da estampa está representada a elegante e distincta ornamentação da rua do Ouro, cujas illuminações de requintado bom gosto e desusada concepção a tornaram deveras deslumbrantes e muito apreciadas, fazendo honra á casa Augusto Prestes & C.^a sua constructora, e que tambem se encarregou da graciosa illuminação da rua de S. Nicolau, que era constituída como se vê no *croquis* por duas filas de candieiros com *bouquets* de lumes em globos, arcos pendentes d'esses *bouquets* tambem com luzes em forma de flores de luz.

Todos os candieiros tinham escudos com pinturas emmolduradas com corôas de louro.

Além do elegante arco que havia no fim da rua, com delidados desenhos de luz e uma grande cruz de Christo de vidro vermelho e branco no centro, a illuminação da rua do Ouro era formada por dois renques de luz que se estendiam como serpentes enormes feitas de globos brancos e pintados. Esses renques eram suspensos dos candieiros, os quaes tinham uns grandes circos com um florão no meio tambem com globos.

Na rua Augusta, conforme se vê no angulo direito inferior da nossa estampa, havia um tunnel de arcos de muito bom effeito: e na rua da Prata outro semelhante tambem muito engenhoso.

Fôram, pois, as illuminações do centenario da India, dignas da commemoração que se fazia, e mereceram com justiça os elogios que nacionaes e estrangeiros lhes dispensaram.

EXPOSIÇÃO D'ARTE

A VOLTA DOS BARCOS

Na exposição do *Gremio Artistico* figura agora este quadro.

Uma obra prima, cheia do maior sentimento, amorosamente trabalhada, executada com um esmero, concluída com uma perfeição que só os grandes artistas, e não sempre, são capazes de attingir.

Um grupo encantador de tres personagens, que todos conhecemos, alguma vez havemos encontrado á beira mar: a velha enrugada pelo sol, pelo ar marinho, por muitas lagrimas choradas; o pequeno, de mac na algibeira, como um homem que ha de ser um dia, forte, lindo nos seus traços de criança reveladores; a pequenina, a mais bella do grupo, sardenta, ligeiramente albina, com os olhos muito claros, uma pennugem ruiva pelas faces, cor de sol.

E todos olham para o mesmo ponto, muito longe, indicado pelo dedo da pequena.

No extremo horizonte deve apontar a vela, e todos olham. A velha espera pelo filho, as crianças pelo pae. E' um drama de todos os dias por essas praias todas. Mas, porque é vulgar, não deixa de ser sentidissimo. Os olhos d'artista que o vêem penetraram o fundo d'elle. E' assim que devem ver-se e tão poucos sabem fazel-o!

O quadro de Sousa Pinto é dos mais perfeitos que conhecemos na arte portugueza. Esteve exposto no *Salon* de 1891 e muito ajudou a tornar conhecido o nome de Sousa Pinto, hoje tão glorioso em Portugal como lá fóra.

A OLGA GIANNINI

(Versos que o auctor escreveu no exemplar do BEIJO DO INFANTE offerecido a distincta interprete do papel de TERESICA).

VILLANCETE

Carinhoso raio limpido
D'estrella nos céus erguida.
Teresica, te deu vida.

VOLTAS

O sol eria com seu lume
A alma da terra — o pomar.
A alma da planta — o perfume.
A alma da noite — o luar.
Que admira pois se um olhar,
Que leva o sol de vencida.
N'um só raio te deu vida?

Bastou só que em ti poisasse.
Como a abelha sobre a flor.
E espalhou na tua face
Logo a vida em seu alvor.
Bemdito lume de amor.
Que desde a estrella alto erguida,
Teresica, te deu vida.

Lisboa 21-5-98.

João da Camara

VASCO DA GAMA

(Continuado do n.º 698.)

N'este mesmo anno depara-se-nos um documento onde aparece o nome de Vasco da Gama (2) sem nos podermos determinar, pelas razões que logo diremos, se a allusão se refere ou não ao futuro almirante.

Eis o caso. Em uma noite, não sabemos de que mes, ia de sua casa em Setubal, um escudeiro del-rei chamado Diogo Vaz, em companhia de Vasco da Gama, ao que parece, para casa d'este, quando toparam João Carvalho, alcaide da Villa. Como Vasco da Gama ia embuçado e cuberto com uma capa, o alcaide remetteu a elle para o descobrir, ao que se oppoz o escudeiro, dizendo ao alcaide que o não descobrisse, porque não era nenhum malfetor, mas sim Vasco da Gama. O alcaide não disistindo do seu proposito — a que Diogo Vaz se oppunha, — entrou a bradar aqui del-rei e que os prendessem. O Diogo Vaz, vendo o caso mal parado, sendo homem resolutivo, como se vê, puchou de uma espada que trazia e embracando a adarga, investiu com o alcaide e os homens que o acompanhavam, aos golpes. A isto accudiram os juizes da villa com outra gente, mas o valente Diogo Vaz, foi levando tudo adiante de si, até que reconhecendo os juizes, foi se retirando resistindo sempre até se porem em salvo, sem que tivesse havido ferimento algum. Segundo o uso do tempo amou-se ou homiziu-se e em 22 de dezembro era-lhe concedido o perdão que implorara, mediante mil reales que pagou para a arca de piedade.

Como se vê, do que requereu Diogo Vaz e consta da carta de perdão que lhe foi passada, Vasco da Gama entrou no caso unicamente por ir na companhia d'aquelle, sem que se possa inferir que houvesse tomado parte no conflicto.

As duvidas que temos de que este Vasco da Gama fosse o descobridor do Oriente são estas.

Em quanto na carta de perdão a Diogo Vaz se indica a sua qualidade de—*escudeiro*,—a respeito d'aquelle não se diz, como fora natural, se era escudeiro, cavalleiro, ou fidalgo da Casa Real; além d'isso conhecido como é o caracter energico e arrebatado do almirante e em tal idade e occasião conservar-se impassivel, sem tomar parte na luta, ou sem se impôr ás auctoridades, pelo seu caracter official — a não ser que o facto se passasse algum tempo antes de elle começar a executar a commissão em que o vemos occupado n'este anno, — não é provavel nem facil de acreditar.

Por outro lado pode ser que o caracter d'essa commissão o obrigasse a ser muito prudente, e a não se expôr n'uma escaramuça nocturna com as auctoridades locais, representantes do poder real,

o que era então sempre motivo de prisões ou homizios, ainda quando os factos se davam com os maiores fidalgos.

Ficará pois o caso, aliás de pouca circumstancia, sem solução pela nossa parte, inclinando-nos, porém a que não é o nosso Vasco da Gama, aquelle a quem se allude na referida carta de perdão.

E por esta occasião diremos, que tambem não podemos ligar grande importancia a uma noticia, que o nosso illustre amigo o sr. Visconde de Sanches de Baena (1) aceitou como verdade indiscutivel. Teve noticia o nosso bom amigo de que em um volume manuscripto existente na Torre do Tombo, se encontrava uma carta do Padre Fr. Francisco d'Oliveira a seu tio o Padre Mestre D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte, onde fazia uma estranha revelação, isto é, que o bispo de Cafim D. João Sotil, viera em 1480 a Sines dar as ordens menores a Vasco da Gama, a seu irmão mais velho Paulo, e a seu tio materno Vicente Sodré! Onde iria o Padre beber tal noticia, não é facil dizel-o, porque elle o não declara, mas não se pode aceitar por não ter o menor viso de plausibilidade. Pois de tres ordinandos nem um unico seguiu a carreira ecclesiastica? Que um ou outro, desgostoso da disciplina da igreja, se desviasse das ordens para seguir outro modo de vida, comprehende-se, mas logo todos tres! Não é muito seguro o Padre nas suas informações, aliás muito descosidas, que revelam mais curiosidade que proficiencia, e n'esse mesmo trecho commette logo uma inexactidão, dando Dom a Paulo da Gama, que nunca o teve.

Por tanto deixaremos para o dominio do drama e do romance esta e outras noticias, em quanto documentos authenticos nos não levarem a admittilas como irrecusaveis.

No anno seguinte, 1493, chegou Christovão Colombo a Lisboa, mas em vez de trazer algumas riquezas d'essa India que elle buscava, conduzia alguns exemplares de productos de umas ilhas mal cultivadas e dos seus habitantes, meios selvagens, mas doces e pacificos. Julgava ter attingido o extremo da Asia, quando havia tocado em umas, como que, sentinelas avançadas, de um vasto continente, que se estende do norte ao sul do globo, com uma area de mais de metade dos antigos continentes.

Colombo, orgulhoso do seu descobrimento, apresentou a D. João II aquelles exemplares, talvez com certa jactancia de phrase, o que não agradou a alguns cortezaes que se atreveram a malquistal-o com o rei, que, longe de obterem as suas insinuações, proveu Colombo de tudo o necessario, brindou-o e aos que o acompanhavam, deixando-os seguir em paz.

Quando regressaram, porém, Pedro de Barcellos e João Fernandes Lavrador? é incerto, sabendo-se apenas, que o primeiro já se achava de volta na ilha Terceira em 1495, tres annos depois da sua partida e depois de ter feito descobrimentos no norte da America, antes ou ao mesmo tempo que o celebre genovez.

Apesar do enorme desgosto que lhe causara a morte de seu unico filho legitimo, o principe D. Afonso, das expedições maritimas começadas pelos reis de Castella e da doença que lhe minava a existencia, D. João II não affrouxava nas suas empresas, e quem sabe quantas tentativas ficaram occultas, e não virão ainda a ser patentes um dia por algum documento desconhecido, como o de Pedro de Barcellos?

Não só os reis de Castella, mas o proprio Colombo receiavam a competencia tanto do rei de Portugal, como dos seus maritimos e por isso ambas as nações se vigiavam reciprocamente, por meio de agentes que as informavam do que se passava em cada uma.

No entanto parece que D. João II não achando nos descobrimentos occidentaes grande motivo para alterar o primitivo pensamento da politica portugueza, começou a cuidar nos meios de proseguir no descobrimento a que Diogo Cam e Bartholomeu Dias, — principalmente este, — tinham dado tão largo folego.

Perdidas as idéas, — se é que alguma vez as teve — de assentar no throno portuguez seu filho bastardo D. Jorge, cuidou D. João II em estabelecer o em grande proeminencia de honras e bens, e por isso já no anno de 1492, o havia investido como mestre, nas Ordens de Cavallaria de Sanct'Iago e de Aviz, que até então tinham sido administradas, por elle, D. João, quer como principe, quer como rei.

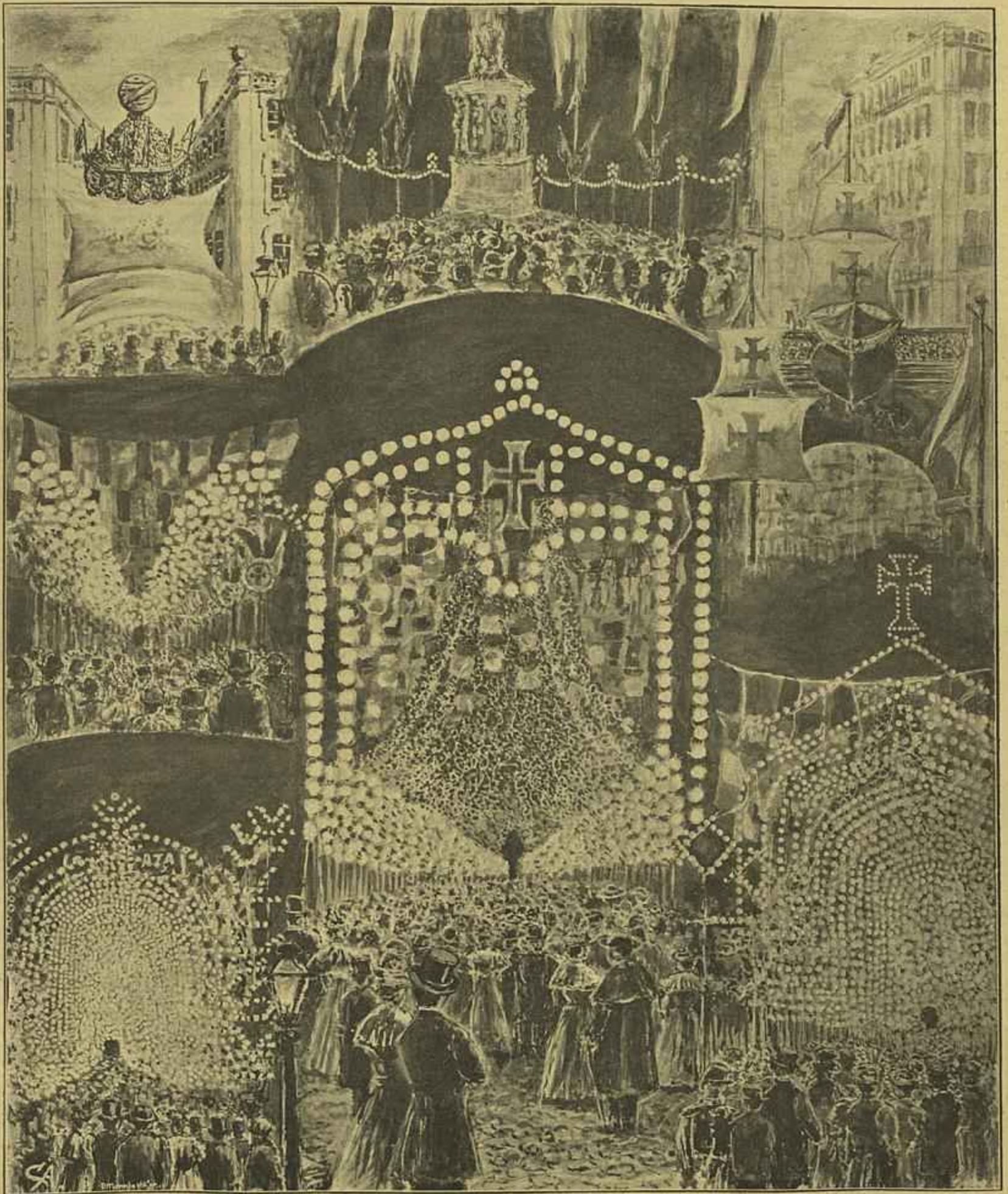
Em 1495 achamos que, pouco mais de um mez depois do fallecimento del-rei seu pae, investia o



(1) Vi. a nossa publicação — *Vasco da Gama* — na *Revista de Educação e Ensino*, n.º 2 do corrente anno, do cum. n.º VIII.

(2) *O descobridor do Brasil*, etc., pelo Visconde de Sanches de Baena, 1897 — pag. 34 e 79.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



Rua dos Capelistas
Rua de S. Nicolau
Rua Augusta

Praça de Luiz de Camões
Rua do Ouro

Rua de S. Paulo
Rua da Prata

mestre D. Jorge a Vasco da Gama, nas commendas da Chouparia e de Mouguellas (1), pertencentes á Ordem de Sanct'ago, attendendo aos muitos serviços que não só a el-rei seu pae, mas também a D. Manoel, e a elle proprio D. Jorge havia feito.

Estes termos geraes não nos explicam sufficientemente o motivo de tamanha e tão distincta mercê. O verdadeiro não se descobre facilmente, a não ser que o pae Estevão da Gama houvesse fallecido, e não só o rei extinto, mas o novo rei recommendassem Vasco da Gama ao mestre, por estar escolhido para o grande commettimento que o havia de immortalisar.

(Continúa.)

Brito Rebello.

que eu disse. A belleza, tal como a comprehendemos pelas formosuras classicas, pela harmonia geometrica das linhas de um perfil grego, não é do Japão. Admitta-se, excepcionalmente, uma pieguice travessa do Creador, requintes amorosos da chimera. O que a japoneza é, é um mimo de frescura, de gentilezas minimas, de encantos vagos, de distincções pueris; e são assim todas as raparigas; dos doze aos vinte annos não ha mulheres feias no paiz do sol. Apontam-lhes um unico senão: como as rosas têm, parece, o fresco de uma manhã; sirva, pois, a sua ephemera mocidade de natural consolação ao resto do mundo feminino, onde abundam muitas quarenta primaveras com aspirações.

O-Hana-San, a senhora Flor, é pequenina, miudinha, como um arremedo de mulher, como uma

as raparigas do campo sem espartilho, apenas vestidas e caminhando descalças pela estrada, que vão revelar aos artistas do mundo inteiro purezas classicas de perfis, verdades de esculptura feminina? N'ellas, porém, a crueza do sol que as requeima, o trabalho grosseiro, a miseria da vida, prejudicam elegancias de origem; emquanto que a japoneza, vestindo sedas, poucando sobre esteiras, entregue aos seus labores miudos, lembra uma joia guardada n'um fôto estojo de setim; e comprehende-se como os brillos preciosos não se empanem, nem os rendilhados da filigrana se deformem. Tal a *musumé*, durante a sua rapida mocidade.

Mas quando a mulher japoneza está prestes a despir-se dos seus feitiços, passados os vinte annos, é então, na pujança dos primores, como um

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



EXPOSIÇÃO D'ARTE — A VOLTA DOS BARCOS — QUADRO DO SR. SOUSA PINTO.

DAI-NIPPON (1)

(O GRANDE JAPÃO)

Excerpto

Antes de irmos mais longe, é logico que descrevamos a *musumé*, como a pôde descrever uma penna catholica, na linguagem pallida que traduz uma invocação de occidental. Affeição-nos a ella, como a uma deliciosa porcellana bella em esmaltes e em curvas, como a um portentoso objecto, o mais portentoso, da arte japoneza; e é assim, no enlevo de um sincero amor de artista, que vamos recordal-a.

A mulher japoneza é a mais gentil do mundo inteiro. Que disse eu? Sei que ides gritar-me que exagero, e eu affianço-vos que não. Gentil, foi o

boneca quasi; uma deliciosa japonezice emfim, a pedir, para os colleccionadores, o logar de honra sobre as prateleiras dos museus. Quanto ao rosto quem ousaria defini-lo? Aparece-nos como um doce oval banhado n'um sorriso, oval que as enormes volutas dos cabellos negros emolduram. O Creador, amoroso da sua obra, de buril em punho, deliciau-se em humorismo n'este rosto: vincou-lhe traços fugidios, que querem ser olhos e nariz; com dois gestos rapidos de pincel, traçou-lhes as sobrancelhas picarescas; e deu-lhe uma cereja por boquinha. Quanto ao corpo, o seu corpo quasi branco ou mais do que branco, de uma coloração indecisa de luar, é um vivo madrigal de curvas suaves: arestas de esqueleto, nervuras de musculos, mal se adivinham sob os contornos lisos no collo, nos braços, nas mãos, nos pés, de uma carnção de um fructo, de pecego. Graciosa de raça, a liberdade do trajo e da existencia não atrophiam uma só linha; e a formosura flexuosa do sexo adquire assim todas as ondulações que lhe são proprias. Não são ainda

pomo maduro, que a sua gentileza se torna, por um dia, doidamente fascinadora. Alva a ponto de deslumbrar, na plena graciosidade das formas, no pleno jogo dos gestos, banhada no negro das pupilas por uma ternura de quem se despede, alcança seducções de visão, aureolas de sacerdotiza de um culto, que, fosse todo magia e todo amor. Como a gente desejaria adoral-a no enlevo de uma casinha de madeira, na paz solemne da paisagem, e beber nos seus labios os ultimos sorrisos, e escutar-lhe as ultimas chimeras, e servir-a nos ultimos caprichos!...

Mas é tempo de vestirmos a boneca, se vos parece; o que, feito pelas nossas mãos inhabeis, faz me rir. Deve ser cousa curiosa e digna de contar-se.

A peça principal do vestuario é o *kimono*. O *kimono*, que é uma ampla tunica de deliciosa seda, com largas mangas pendentes quasi a roço, co-

1 Vide a Revista citada, docum. n.º x e xi.

1 Vide Publicações.

bre a *musumé* até aos pés; cobre-a e descobre-a, porque, como estaes imaginando, um movimento irreflectido, uma rajada mais fresca, lá afastam as abas sobrepostas sobre a frente, deixando a descoberto, pelo menos, o fino artelho, ou uma *negga* do panno de crepe, uma especie do *sarong* malaio, que se cinge estreitamente à carne. Este panno de crepe é por vezes carmezim nas donzellas, por vezes estampado com delicadas longes de paizagem, com flores, com aves dispersas, e sempre da mais fina trama flexuosa. Vestido o *kimono* e conchegado ao corpo por uma arte particular de dedos destros, é o momento de passar à roda da cintura a larga faixa de setim, o *obi*, negro, ou em preciosos lavrados, sobrepondo-se em muitas voltas e rematando posteriormente em enormes tufos e laçadas.

Pensemos agora nas pequeninas cousas. Concedámos-lhe a unica joia, que da moda europêa se aproveita; deixemos beijar-lhe os dedos, da cor de círios, o diamante ou perola de um anel. Pelas dobras do *obi* e pelos bolsos das mangas, aninham-se a bolsa de seda do tabaco, o cachimbo minúsculo de prata, espelinhos, amuletos, perfumes, bagatelas sem nome conhecido. Mordelhe o penteado um pentesinho precioso, de tartaruga ou de marfim; dos ganchos que se enterram nos cabelos, espigam os enfeites, chimeras minúsculas, florinhas artificiaes, pennachinhos de froco, pingentes prateados, tremeluzindo e palpitando; por estes tempos de gloria, é bom que seja um soldadinho, o pavilhão da patria, um canhão de tiro rapido, uma apothese qualquer de dois centímetros. Os pés ficam-lhe nus, se está em casa, sobre a esteira; promptos a enfiarem de um gesto as sandalias ou os soccos, se vae para a rua, conforme as circumstancias.

Damos por finda a tarefa portentosa. Fizemos tudo, ou melhor nada fizemos. Como deixar effectivamente aqui viver, por uns longes de impressão, essa chimera humana, esse tufo de sedas multicores e palpitantes lembrando, pelos laços do *obi*, azas de uma enorme borboleta ou pétalas de uma enorme flor, a salientarem-se do vultoso esguio e esbelto, ondulado, adoravelmente realçado pela nudez da cabecinha petulante, das mãos, dos pés...

As suas mãos e os seus pés, de um primor inverosímil...

Das mãos já vos fallei, penso, d'essas mãos que nunca se estendem para a saudação, a procurarem as nossas; mas que vemos, mas que admiramos, na incessante e prodigiosa mimica dos gestos; mas que tocamos por vezes em encontros casuaes, se accitamos a *chavena* do chá, se recebemos um objecto; mas que estreitamos porventura, cedendo a um desejo irresistivel, amoroso... mãos que então nos suggerem a idéa disparatada de estarmos acariciando ratos brancos, macios como um setim, moldando-se à pressão, sem ossinhos que se sintam, afilando-se, escurando e fugindo...

Palmipede. Palmipede chamou já a *musumé* a quem nas suas impressões, se bem me lembro; e até em boa linguagem de Camões, que o narrador é portuguez, e por signal pelo Japão peregrinava, quando eu tambem por lá ia passando as minhas horas de magia. Desculpe-me a recordação desagradavel, que guardo do qualificativo. Palmipede, palmipede... de certo, por esse pé n.º e branco, que assenta livremente na sandalia, dando à japoneza uma ondulação especial, quando anda, mais de deslizamento do que de marcha. É certo que, para a educação esthetica do occidental, o pé nada tem de humano. Ha pés de setim, ha pés de pellica, ha pés de couro, ha pés de lona; de carne não, mesmo nas praias; remedião de escada ou sapateiro de duquezas, é o artista da tripeça, que faz o pé, que lhe dá elegancias seductoras. Esse pé alvo de cera, de livres e francos contornos, que Rebecca apoia resolutamente sobre o solo ao offerecer a agua do seu cantaro ao servo de Abraham, esses pés descalços e longos de Maria, que os christãos cobrem de osculos amorosos, eis ali linhas de esculpturas que não se encontram fóra do ideal, no marmore ou na tela nem mesmo se desejam.

Pois no pé n.º de *musumé*, branco, livre, bello, transporta para a terra e para a vida a tradição da arte; e essa fimbria de seda do *kimono*, que o toca e que o afaga, realisa-lhes enlevos ineditos, quasi biblicos, em que os olhos se demoram por prazer. Quando ella se ergue nos bicos dos pés para alcançar uma flor, quando tem o pé pendente do estrado, baluçando-se sem designio, quando se curva para receber nos braços o filho, a vista alcança de relance as curvas mais gentis, as ondulações mais graciosas d'esse pé, um se-

greto intensamente harmonico, emfim, do traço de que a europêa se privou.

Sobre a esteira, o pé vive nú; pousando nas taboinhas polidas dos corredores ou das escadas de serventia, apprehende o *zori*, a sandalia de fina trança de palha: se sae de casa, n.º tambem, ou calçando a piuga alva que lhe contorna como uma luva o dedo grande, enfia na *guetta*, o pesado socco, e segura-se ás presilhas de velludo. A *musumé* possui uma infinidade de *guettas*: se o sol rompeu claro e as ruas estão enxutas, a *guetta* é de charão negro polido como um espelho, ou de grossa madeira apenas aplainada, na gentil simplicidade dos veios naturaes; se a lama cobre os caminhos, a *guetta* distancia-se do solo por meio de duas taboinhas transversaes, e a *musumé* cresce assim de meio palmo, dos meus, que são dos maiores; se chove, se neva, a *guetta* é uma caixa, um edificio, uma cabana de abrigo. E... tau-tau, tau-tau; para uma cidade de um milhão seiscentos e vinte e oito mil habitantes, como Tokio, segundo os ultimos recenseamentos (a moda é dos dois sexos), imaginem a orchestra de tres milhões duzentos e cinquenta e seis mil tamancos a matracarem pelas ruas!...

Os pés da *musumé*, assim educada sobre esteiras ou em contactos doces, no amor constante pelo banho, adquirem um mimo de epiderme, a lembrar a maciez de uma flor polpuda de cacto; e tambem uma desenvoltura de prodigio, gesticulando, acompanhando em mimica as palestras, em brandos movimentos de dedinhos flexuosos, que terminam em unhas polidas e rosadas, que nada opprime.

Na vida do *tatami* junto das *musumés*, para quem já passou semanas commungando em habitos nipponicos, ora na comedia dos jantarinhos, ora folheando os albums, ora rindo e fumando, os péritos das companheiras tornam-se tambem uns outros companheiros, com caprichos proprios, como que uns animaes domesticos que nos eram até então desconhecidos, cirandando aos casaes, acercando-se-nos, pousando nas nossas roupas, fugindo-nos, volvendo; e tão frescos, tão bonitos, que só nos despertam *sympathias*.

O pé de O-Hana-San, a senhora Flor, leva-nos ainda, alem do enlevo artistico, a mais transcendentes devaneios. Assim em liberdade, o turbulento, quasi com azas, o travesso, não está elle, por si, definindo a mulher? Não nos está confessando, que é ella a companheira iuseparavel do filho de Nippon, não só no lar, nas longas intimidades pachorrentas, mas na rua, no campo, na serra, vencendo velozes distancias, trepando resolutamente pelas ladeiras, ganhando de um salto os barrancos, destra emfim em todos os exercicios? Na labuta, o operario ou o agricultor têm a mulher junto de si, auxiliando o, palestrando ao mesmo tempo, ajudando-lhe a passar as horas. Pelas cidades, acompanha-o nas ruas, sapateando ao lado, enfiando pelas lojas, pelos theatros, pelos templos, azarrando-se lhe ao braço para não se perder d'elle, ou para elle se não perder sózinho, o maganão. Nos seus passeios de bohemio, campos fóra, quando as cerejeiras florescem, o japonês sente sempre seguir-lhe os passos os passinhos miudos da mulher, esposa ou amante, sorrindo à paizagem que o seduz, compartilhando dos seus extasis, fazendo colheita de ramos viçosos, atirando com gorgalhadas às brisas.

Quando a japoneza é mãe, mãe desvelada então, eil-a dispensando auxilios mercenarios, tomando do garoto e carregando com elle ás costas, não menos ligeira, não menos graciososa, na sua marcha ondulante pelos caminhos.

E no entretanto, alem, a curtas horas de demora, no vastissimo imperio, patrimonio de um povo irmão, eis o curioso contraste da mulher sem pés, aleijada desde a infancia tenra pelas exigencias da moda que domina. Eis a mulher que nunca presenciou o romper da aurora, que nunca vagabundeou com o marido durante um curto instante, que nunca ajuntou seis passos ao longo de uma estrada, que vive eternamente na sua clausura, na penumbra mysteriosa e sordida de quatro paredes unidas, deixando-se invadir de flacidas gorduras e de tons terrosos de encarcerada, deixando crescer as unhas das mãos inuteis até à disformidade, immovel, estúpida, tediosa, hieratica, *feitoço* insipido do lar. Com esta missão apenas, a miseria: manter a disciplina entre as concubinas legitimadas do marido; incutir o medo e exercer a tortura nas servas, as escravinhas immundas que a que a saudam em prostrações rojantes; e, em assumptos conjugaes, ser por seu turno a escrava submissa, calando affrontas e recalçando ciumes,

prestando-se aos caprichos, casuaes do seu senhor, durante alguma noite desabrida, em que elle, por desfastio, dispensou a orgia das ruas ou dos barcos.

O pé da *musumé* e o pé da chineza definem bem por si estas duas variedades exoticas do feminino humano, accusam as profundissimas differenças que as separam; quasi que apontam, em luminosa synthese, os destinos moraes dos dois imperios do Extremo Oriente.

Wenceslau de Moraes.

MEMORIAS LITERARIAS

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

I

Nunca e tarde para ofertar aos mortos a turbulação da nossa saudade ou do nosso respeito, especialmente quando elles deixam atraz de si um rasto luminoso, que se contrapõe às trevas do esquecimento.

— Os mortos passam depressa — diz, e sente quasi toda a gente.

É uma verdade para as almas frivolas, que não para aquelles, que ás qualidades affectivas de um bom coração aliam um verdadeiro e sincero culto pelas obras, que deixam as pessoas de bom saber.

Ao acre pesadume, com que notávamos o desamôr, que o nosso paiz de um incrível analfabetismo vota às obras literarias, respondia-nos ha tempos uma senhora, com um profundo convencimento:

— Pôis olhe: só vale a pena ter nascido... para escrever um livro, coisa unica por que vale trabalhar e sofrer.

De facto, a afirmação desta boa amiga e admiradora dos escritores demonstra um judicioso critério, porque de muito mau quilate será a obra, que não resista ao desfalecimento do intellecto, que a produziu, e se não prolongue pelos annos adiante, ao menos no affecto de um ou outro devoto das letras pátrias.

Se o livro é bom, então, se acareou a estima dos que podem, e sabem entendê-lo, e se o futuro lhe reserva lugar assinalado, então, mais duradouro que o mármore e o bronze, resiste à voragem dos séculos, e não morre nunca.

É verdade que a vozzeria dos audazes, a guizalhada das turbas, que os aplaudem, e o atroamento da fama ocasional, que os afortunados conquistam entre os contemporaneos, não distinguem bastas vezes o verdadeiro mérito onde elle está, nem apregõem a moeda de puro toque, que os modestos e os fracos de animo lhe offerecem, sem sêr vistos nem percebidos.

A germinação de um simples grão pode salvar a semente de uma seara inteira; a pequena obra portanto de um homem, que não teve o aplauso público, de que era digno, em vida, pode salvar-o da ingratição dos contemporaneos e conquistar-lhe a justiça dos vindouros, após a sua morte.

A obra, de que vamos tratar, está neste caso, e ha-de livrar do esquecimento a distincta mão, que a delineou, porque é de puro e bom quilate.

II

Sebastião Pereira da Cunha foi depositário e seguidor de um nobilissimo legado, a herança illustradora de seu pae, fidalgo no proceder, no sangue e nas letras.

Ao ofertar-lhe a sua *Selecta* de bons versos, dizia-lhe Antonio Pereira da Cunha:

«Meu filho. O primeiro livro, que publiquei, offereci-o a teu avô; a ti, que tens o seu nome e que espero o imitarás, constantemente e em tudo, quero dedicar-te este, que é o último, que imprimo.

«Como verás são versos.

«Tu, com grande gosto meu, tambem sentes dentro da alma aquella música indefinivel, a que a *Porcia* se refere, e herdaste uma certa propensão, que na nossa familia se revela para o culto da poesia; sirva-te, pois, de incentivo o exemplo de teu pae, para que não retrocedas no caminho, que encetaste, nem resistas à tua vocação.

«Eu vou, tu vens. A mim já começam a cercar-me os pallidos crepusculos do outomno; para ti dura ainda a primavera, com seus viçosos encantos e extensos horizontes.

«Es moço; não te recusa Deus a inspiração: aproveita enquanto é tempo, e lembra-te do adagio dos antigos: *ars longa, vita brevis*».

Assim começou o offerecimento do seu livro o venerando autor dos *Contos da minha terra*.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE PARINA

(Continuado do numero anterior)

XIV

No qual se vê que ao Frederico lhe não falta malícia.

É fácil de comprehender que, tractando-se de conseguir que ficasse illibada de qualque suspeita a «joven mais linda de todo o universo», não havia tempo a perder.

Romulo e Joaquim ergueram-se mais cedo do costume, e ao occuparem-se dos pormenores do seu vestuario, tinham ares de duas victimas adornando-se para o sacrificio.

— Estamos arranjados com aquelle folgazão — suspirou o Joaquim. — Não se ensaia para nos tratar como a dois enredadores.

— E olha que o merecemos; principiamos pol'osér; quero dizer, por eu ser...

— Lá isso é verdade; tu começaste o enredo; eu tomei parte n'elle, apenas; indiquei o modo engenhoso de escrever, mas a ideia é toda tua...

Joaquim sentiu remorsos, desatou a rir e acrescentou:

— Digo isto por brincadeira; o enredo é de nós ambos; reclamo o meu quinhão... Achas que está direito o laço da gravata?

— Está, bom, está.

— Mas, tu nem sequer olhaste para elle!

O Joaquim não teria caminhado para o sacrificio, simplesmente por que nunca lhe parecia estar sufficientemente arrebicado.

Lançaram as victimas do derradeiro olhar ao espelho, sahiram, e sem pronunciar palavra, indireitam para a casa do Frederico.

Foram encontrar o mancebo sentado em frente de uma mesa enorme, coberta de livros e de utensilios estranhos, todos de pedra ou de barro.

— Que demonio vem a ser isto? — perguntou o Joaquim.

— O meu thesouro — respondeu, rindo, o Frederico — o fructo das escavações de uma semana. Recebo outro tanto todos os domingos. Aqui tem um ponção da idade do bronze... e ali um chifre lavrado a modo de vasilha; aquillo são panelas, todas da idade da madeira.

— E onde foste aprender tanta sciencia?

— Nos livros; não é difficil como vêem. Com um bocadinho de vontade, no espaço de algumas semanas uma pessoa consegue adquirir uma soberba camada de verniz scientifico, mais ou menos espessa, conforme os seus desejos, e representar um bom papel n'este mundo.

— Ah! tu agora estás estudando geologia?

— Não estudo coisa nenhuma, entretenho-me! a primeira vez que os sabios foram visitar as minhas excavações, faziam n'ó com uma frieza tal, que entrei a tremer pelos meus pobres fragmentos. Puz-me a pensar: «Não serão talvez antigos o bastardo ou estarão mal conservados? Agora quando os sabioses apresentam, proporciono a mim proprio o gosto de lhes fazer ver que em duas ou tres semanas pode-se muito bem distinguir um ponção, mesmo sem se apparentar tanta circumspecção. Contemplam-me, attonitos, eu rio-me, e desprezo-os mais do que d'antes... Ora! deixemo-nos d'estas frioleiras; conheço-lhes na cara que tem coisas serias a dizer-me.

— Viemos confessar-nos — disse o Joaquim — viemos pedir-te a absolvição, e espero que nos tratarás com as attentões que as nossas coisas futuras merecem... A incognita que te tem escripto tanta carta mysteriosa por intermedio dos periodicos, somos nós, o Romulo e eu.

— E para que vem contar-mo? — adduziu o Frederico com negligencia.

— Porque já comprehendeste tudo.

— Compreendi que as incognitas são duas.

— Exactamente; uma chama-se Romulo e a outra Joaquim.

— E qual dos dois, o Romulo ou o Joaquim, foi o que escreveu esta carta que agora mesmo recebi?

E assim dizendo, o Frederico mostrava um periodico desdobrado sobre o buffete. Os dois velhos olharam um para o outro. A sua trama meudinha rompia-se-lhe entre as mãos mais uma vez.

— Vamos a saber, — insistiu o Frederico — qual de vocês foi que a escreveu?

Quizera o Joaquim responder ousadamente: Eu! Faltou-lhe porem valor para jogar uma cartada tão arriscada, e callou-se.

— Confessem-me a verdade — disse o mancebo

— Vêem enviados por ella... para me desviar as

suspeitas, julgando que são suspeitas... e é certeza.

— Juro te que nos não enviou... — exclamou o Joaquim.

— Logo, é positivamente ella?

— Não tinhas a certeza?

— Tinha; alegre-me porém sabel-o da vossa bocca... E o outro, é o engenheiro.

— Não! Lá esse é que não — exclamou o Romulo — o outro somos nós, e estou prompto a provar-t'o.

— E de que modo?

— Repetindo-te de memoria uma carta que nos leste em casa do Trombeta, e que principia com dois endecassylabos:

Pois tu sabes meu Frederico amado,
Que não te vi no domingo passado

— *Passado* — acrescentou o Joaquim.

— *Ultimo*. — emendou o Romulo.

Permaneceu o mancebo um instante pensativo, depois alegre, prorompeu:

— Se o engenheiro não participa do assumpto, tanto melhor; perdoo-lhe a ella e perdoo-lhes a vocês; massava-me servir de joguete a dois noivos para entreterem o tempo que os separa do dia feliz... Por que estás tu a olhar pr'a mim d'esse modo, Romulo?

— Porque não são noivos — retorquiu o alludido. — Se tu quizeres?

— Não, não quero — interrompeu a rir o Frederico; — nem ella tão pouco quer, affirmo-t'o. Sou-lhe antipathico; não me pode ver, odeia-me. E demais, eu agora estou apaixonado pelas vasilhas da idade da pedra lavrada.

Romulo suspirou e nada disse.

— Mas vocês para que estiveram a divertir-se á minha custa? — perguntou d'ali a nada o Frederico.

— E tu como é que adivinhaste que a brincadeira vinha de casa do Trombeta?

— Não era muito difficil descobri-lo; as incognitas contradiziam-se; portanto eram indubitavelmente duas; a primeira não podia ter-se lembrado de se servir do periodico sem saber que o fazia a primeira. Agora hem, como eu só lia as cartas em casa do Trombeta...

— Isso não é prova — advertiu o Joaquim; — os teus amigos lá do Casino, sabendo o que é que te escreviam, podiam entreter-se a complicar o enredo mediante contradicções.

O Frederico sorriu-se.

— Isso mesmo pensei tambem — e sabem o que eu fiz? Escrevi uma carta a mim mesmo, expondo certas maximas acerca de thesouros escondidos, acerca da verdade e do amor.

— Não era da Amalia?

— Era minha; fui procurar-vos, lia-a na vossa presença e deante da joven philosopha, e no dia immediato recebi a resposta. A philosophice denunciava a joven.

Joaquim coçava a testa.

— E vocês agora — disse o Frederico — porque é que me dirigiam declarações de amor?

— Porque queriamos ver-te apaixonado por alguma mulher; enfronhado até ao pescoço n'uma intriga antes do que entregue em corpo e alma ao abatimento e á inercia.

— E a Amalia porque é que me escrevia?

— Não sei.

— Não sei, repetiu o Romulo — pergunta-lh'o a ella.

— Pois sei eu — acrescentou o Frederico — escrevia-me por odio instinctivo, para mortificar o meu amor proprio e tambem afim de me dar uma que outra liçãozinha philosophica, a philosophia é o seu forte. Não serei menos generoso do que ella; nada lhe perguntarei e nada lhe direi; digam-lhe vocês que achei ingenuissima a brincadeira e que lh'a perdoo de todo o coração... E não fallemos mais n'isso. — Ah! sabem vocês uma coisa?

— O que é?

— Que coisa?

— Que o banco de... quebrou e que perdi algum dinheiro; é a primeira vez que me acontece.

— Perdeste muito?

— Não sei ao certo, mas não deve ser grande coisa.

— E assim o dizes?

— Queres que o diga a chorar?

O Joaquim, que ia já em retirada, bateu uma palmada na testa e retrocedeu.

— Mostra-me o que te escreveu a Amalia.

— Não te comprehendo — disse, rindo, o Frederico.

— Não disseste que acabavas de receber um periodico?

— Elle aqui está, — disse o Frederico — *A Fan-*

E o filho, como representante dos sagrados respeitos, que a fidalguia de outras eras consagrava aos progenitores, seguiu a esteira paterna; e, como poeta, o que mais é, ultrapassou-a em menos tempo e em obra menos volumosa.

Nós pertenciamos ao numero dos que nada sabiam de Sebastião Pereira da Cunha.

Ha seis annos, no principio de 1892, seu nobre tio, o sr. conde da Figueira, apresentava-o em sua casa, numa tarde, ao nosso convivio, que foi sempre ocasional e passageiro, pela sua residencia prolongada em Vianna do Castello, no solar dos seus avoengos, notavel, poetica e esmeradamente reformado por seu pae; e tambem pelas nossas demoras annuaes em terras da Beira.

Pereira da Cunha não era, como outros individuos, o mau producto de uma raça dessorada pelos continuos enlaces com parentes, tão erradamente seguidos entre as antigas familias aristocraticas. Sem ser corpulento, e tendo uma estatura mediãna, dispunha de uma boa presença. A testa era espaçosa, o olhar incisivo e claro, o sorriso breve, a fisionomia aberta e o tódo elegante e erecto.

Na nossa conversa, praticamos de letras na generalidade, e falamos especialmente das que tinham formado a reputação de seu pae, como prosador e poeta, um dos planétas dessa brilhantissima constelação, que teve como luminares poderosos, como astros de primeira grandêza, Castilho, Herculano e Garrett, de quem era indefesso admirador, pois julgava, como nós, que a numerosa e proficiente pleiade de escriptores dessa fulgente epocha, tarde ou nunca será igualada, desde que do nefelibatismo ignaro vamos descaindo ao empolamento da frase, que, a par da criação de termos bárbaros ou estrangeirados e de outros abastardamentos da linguagem, parece querer converter-nos em ócos e inspidos gongoristas.

Da nossa conversação, em que Pereira da Cunha teve a amabilidade de referir-se a um ou outro dos nossos livros, que mostrou conhecêr, resultou a oferta, que elle nos fez, dias depois, a 30 de março de 1892, do ultimo livro de seu pae, a *Selecta de versos*, acompanhada das seguintes palavras: — *Ao senhôr Visconde de Sanches de Frias, como prova de consideração pelo seu bello talento e nobres qualidades, oferece S. Pereira da Cunha.*

A ementa desta imerecida dedicatória faz-se aqui unicamente para que a pequena consagração, que tributámos á memoria do illustre literato, registre tudo o que poder e souber, como é de boa razão em casos taes.

Mercê de Deus, o prurido do amor proprio não nos faz sofrer demasiado.

A despedida, perguntando-lhe nós que genero de trabalhos o entretinha, literariamente, communicou-nos que delineava as scenas de uma drãma historico em verso.

— É um simples ensaio — acrescentou modestamente.

A difficuldade da especie não podia ser maior; e um paiz, que só possuiu um teatro dramático, falsamente chamado normal, fossilizado pela incuria dos governos e entregue á exploração arbitrária de uns autocratas, que lá não consentem actores e escriptores de fora das suas amizades, não era de molde por certo a acoroçoar a peça de quem tão modestamente se inculcava.

De facto, no anno seguinte, 1893, publicava-se o SAO DE MALHA, *drama historico e original, em 3 actos, por Sebastião Pereira da Cunha*; e nós recebiamos um exemplar, vindo das mãos do autor, com uma dedicatória, que era ainda superior á precedente, e que por isso não reproduzimos.

A nossa leitura, realisada com avidêz, deu-nos o convencimento rápido de que defrontavamos com um bom sabedor de português, o que hoje em dia já não é vulgar, e com um poeta de excellente cunho.

Fôï uma revelação, uma agradabilissima surpresa.

Se á obra faltavam determinadas condições dramaticas, ao verso, embora um tanto monótono, no conjuncto, pela sua textura em parêlhas e medida quasi inteiramente alexandrina, sobravam trechos de uma sonoridade irreprehensivel e de uma doçura e propriedade encantadoras.

E disso, verbal e francamente demos conta ao autor, dias depois; e disso, no que respeita á ultima parte, vamos fornecêr agora uma plena demonstração, já que os trabalhos de Pereira da Cunha só são conhecidos de poucos, e passaram despercebidos da imprensa e do nosso mesquinho, desunido e irritante mundo literário.

(Continúa.)

Sanches de Frias.



fulla; sou assignante, mas não traz nada *pondeado*.

— Ah! tractante! — exclamou o Romulo — pregaste-n'o-la na bochecha. Ah! birbante! — accrescentou o Romulo — fizeste-nos cair na raoteira!

Frederico ria como um pequeno.

Na rua o Joaquim disse para o Romulo:

— Este rapaz só por si tem mais entendimento que nós ambos juntos... Se alguém vier dizer-me para a semana que está um geologo illustre, responderei que já o esperava.

Romulo suspirou, e nada disse.

— Quem sabe quanto terá perdido na quebra do Banco de... perguntou logo: — Quem o saberá? Aposto que nem elle mesmo o vem já mais a saber. — E' assim que eu gosto dos homens, superiores aos interesses materiaes.

— Tambem gosto d'elles superiores — expôz o Joaquim — porém não em demasia.

Aquella noite, a Amalia, apenas se viu a sós com os dois anciões, seus amigos, perguntou anciosa:

— Então que ha?

— Ha — respondeu, melancolico, o Romulo — que o vimos, que lhe fallámos e que sabe tudo; a partidita divertiu-o; fartou-se de rir.

A Amalia permaneceu silenciosa.

— Se elle ao menos distinguise as cartas que eu lhe escrevi das que lhe escreveu a outra?

— E provavel que não distingua; mas se a menina julga necessaria semelhante distincção, não será difficil, creia, porque a outra *incognita*...

Aqui, teria o extensissimo Romulo soltado despropósito de marca maior, se o pequenino Joaquim, collocado ao lado d'elle e deixando cahir o braço, lhe não tivera dado um beliscão abaixo da barriga da perna.

Com esta observação o Romulo deixou a phrase no ponto a que a tinha levado e o seu amigo levou-a a cabo com ligeira variante.

— Porque se a outra *incognita* não falla, a menina poderá fallar quando lhe aprouver, dizer quaes são as suas cartas e engeitar as demais. Amalia, verdadeira imagem da resignação, tornou a inclinar pensativa a cabeça sobre o peito.

— Assim o farei — disse desde logo — de modo que o senhor Frederico não tenha suspeitado a cumplicidade do engenheiro?

— Suspeitou — replicou o Romulo — mas nós dissemos-lhe que...

— Que não era elle — interrompeu o Joaquim — tanto mais que agora já não ha que continuar a brincadeira e a *outra* ainda lhe escreve.

— Ainda lhe escreve?

— Todos os dias, as phrases do costume.

— E o Frederico, o que pensa?

— Não sei; espera provavelmente que ella se revele... o que não poderá tardar muito.

Romulo aproveitou o primeiro ensejo para dizer com uma especie de terror ao Joaquim:

— Que sucia de mentiras que tu lhe pregaste!

E o Joaquim estirando-se duas polegadas, pelo menos, lisonjeado, respondeu:

— Que sucia de mentiras que eu lhe preguei!

A «joven mais linda de todo o universo» estêve toda a noite entre indifferente e anhelante; esperava o Frederico, e quando adquiriu a certeza de que não viria, recolheu ao seu quarto pensando: Vira amanhã.

— Mas o Frederico não foi — nem amanhã, nem no outro dia

(Continúa).

Pin-Sel.

NECROLOGIA

DR. LUIS GUIMARÃES

Na sua casa da Rua de Pedroiços falleceu no

dia 19 do mez findo, o notavel poeta brasileiro Dr. Luiz Guimarães.

Ha muito que estava soffrendo de uma horriavel doença, que finalmente o levou a sepultura na idade de 54 annos apenas.

Era ministro plenipotenciario do Brazil e ha muitos annos viera pela primeira vez a Portugal, nomeado secretario da legação. Contava em Lisboa numerosos amigos.

Deixa muitos livros em prosa e verso: O Lyrio Branco, Uma Scena Contemporanea, Os Corymbos, Historias para gente alegre, Pedro Americo, Curvas e Zig-Zags, Filigranas, Contos sem pretensão, Lyrica, Sonetos e Rimas, etc.

O seu filho, poeta distincto tambem e excellentes coração, saberá honrar a memoria do talentoso cultor das letras portuguezas.



LUIZ GUIMARÃES

FALLECIDO EM 19 DE MAIO DE 1898



Recebemos e agradecemos:

Dai-Nippon. (O Grande Japão) por Wenceslau de Moraes. — Lisboa. — Imprensa Nacional. — 1897.

Entre as contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa, publicadas para a commemoração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, é forcoso distinguir muito especialmente o livro *Dai-Nippon*. Entre todas as razões que militam para essa justa distincção sobresae o estylo brilhante e vivamente colorido do seu auctor, o que torna a obra de uma deliciosa leitura.

Comparavel aos trabalhos de Edmundo de Amicis, e a outros escriptores de igual estylo, o *Dai-Nippon* é digno do maior apreço porque illustra e deleita, qualidade que nas obras do seu genero, lhe augmenta o valor. A viveza do estylo

é como a limpidez da agua. Atravez a transparencia os objectos brilham e seduzem como pedras finas.

O Japão merece tambem a homenagem d'este estudo do sr. Wenceslau de Moraes. Esse paiz notavel foi sempre muito apreciado pelos portuguezes, que alli levaram os primores da sua civilização. A memoria d'esses viajantes do seculo XVI e especialmente a de Fernão Mendes Pinto, que tão bem descreveu o Japão do seu tempo, dedicou nobremente o distincto escriptor o seu *Dai-Nippon*.

Com a devida venia, inserimos hoje n'outro lugar da nossa revista uma suggestiva descripção da mulher japoneza, arrancada ao *Dai-Nippon* como joia preciosa desengastada de um adereço raro e deslumbrante.

N'essa homenagem, pois, que prestamos ao auctor vae tambem um verdadeiro brinde aos nossos estimaveis leitores.

Textos em Aljama portugueza. Documentos para a historia do dominio portuguez em Safim, extrahidos dos originaes da Torre do Tombo por David Lopes, Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

Com a sua interessante reprodução da *Chronica dos Reis de Bisnaga*, de que em tempo demos noticia em artigo especial no nosso periodico, prestou o sr. David Lopes o seu primeiro tributo para as contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa na celebração do quarto centenario do descobrimento da India. Com o presente livro *Textos em Aljama Portugueza* presta agora uma nova contribuição de subido valor, divulgando curiosos e antigos documentos, cujo conhecimento muito convém em relação ás primeiras tentativas da expansão do dominio portuguez em Africa.

Encarados por esta forma, os *Textos em Aljama Portugueza* teem uma superior importancia que muito convém accentuar, e publicando-os, o sr. David Lopes prehenheu e resgatou uma lacuna censuravel, como a de ainda não estarem archivados estes diplomas na collecção academica relativa aos descobrimentos portuguezes, de que os textos presentes são provas de grande valor pela sua prioridade.

A Nação Portuguesa — A Conversão — Lisboa — 1898.

Assim se intitula o manifesto que a Comissão de Commerciantes e Industriaes de Lisboa, fez em tempo, distribuir profusamente, e do qual recebemos um exemplar.

E' documento vigoroso, mas que pouco calou no publico, porquanto a sua indifferença se accentua dolorosamente nos mais graves assumptos.

A PECCADORA

POR E. P. ESCRICH

VERSAO DE ESTEVES PEREIRA

Um lindo romance de costumes, cujo nome do auctor, Escrich, é garantia do interesse e dramático da acção d'este romance

6 volumes illustrados com gravuras 32000 réis

Pedidos á Empresa do Occidente

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39